

A IMPORTÂNCIA DA BIOGRAFIA E DA AUTOBIOGRAFIA PARA UMA REFLEXÃO DAS CIÊNCIAS DO ESPÍRITO EM WILHELM DILTHEY

Katarina Albuquerque de Lima*

Resumo: Este trabalho tratará particularmente da biografia como trabalho científico no pensamento de Wilhelm Dilthey. Foram expostas categorias através das quais o pensador desenvolveu sua tese de fundamentação metodológica e epistemológica das ciências do espírito, que por sua vez são baseadas na compreensão enquanto apreensão de sentido. Para ele, a biografia é a manifestação mais aguda da relação entre a vida individual do homem e a história. Também será tratada, de modo mais pontual, a autobiografia como exercício excelente para a compreensão de vida daquele que se propõe refletir sobre seu próprio transcurso vital. A autobiografia aparece neste trabalho com a finalidade de fortalecer a tese de uma possibilidade de acesso à história através de experiências individuais.

Palavras-chave: Biografia; História; Autobiografia.

THE RELEVANCE OF BIOGRAPHY AND AUTOBIOGRAPHY FOR AN REFLECTION OF SPIRIT SCIENCES IN WILHELM DILTHEY

Abstract: This work lies particularly about the biography as scientific work on Wilhelm Dilthey thought. Was displayed categories through which the thinker developed your thesis of methodological and epistemological foundation of human studies, whose are based on understanding while apprehension of meaning. For him, the biography is the manifestation more accurate of relation between the individual life of man and the history. Also, will handle in a more specific way, the autobiography as excellent exercise for the understanding of the life from that whose compromise on think about your own vital course. The autobiography appear in this work with the aim to consolidate the thesis of a possibility of access to history though the individuals experiences.

Keywords: Biography; History; Autobiography.

Introdução

A finalidade deste trabalho acerca da relevância da biografia e da autobiografia no pensamento de Wilhelm Dilthey (1833-1911) é demonstrar como e por que a biografia é um gênero pelo qual é possível atestar cientificamente a tese do filósofo de uma essência da objetivação da vida, que acontece no movimento ininterrupto da compreensão. Para tal, construiremos uma breve introdução de caráter geral acerca de sua filosofia, o que nos parece fundamental, uma vez que sua obra principal *Introdução*

* Graduanda no curso de licenciatura em Filosofia na Universidade Estadual do Ceará. Tem interesse em filosofia social e política, história da filosofia e hermenêutica. Atualmente pesquisa o autor Hans-Georg Gadamer e participa do grupo de pesquisa Filosofia Hermenêutica, Ética e Estética da Universidade Estadual do Ceará. E-mail: katarinalima3@gmail.com

às ciências humanas e a obra que estabelecemos para o desenvolvimento deste artigo, *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*, não pôde ser concluída. Devemos, pois, fornecer algumas bases necessárias de modo organizado para que o nosso interlocutor apreenda a relevância de nosso artigo. Servir-mo-nos das influências com as quais Dilthey dialoga, da crítica de Gadamer ao pensamento de Dilthey, de estudos acadêmicos voltados particularmente para a relevância da biografia e autobiografia e dos aspectos gerais do pensamento do autor, bem como da obra *Confissões* de Santo Agostinho, para dar apoio ao que devemos sustentar em nosso trabalho.

Wilhelm Dilthey foi um pensador alemão pertencente à escola histórica¹⁵³, cuja filosofia foi influenciada, sobretudo por duas teorias, a filosofia empírica inglesa e a filosofia transcendental pós-kantiana¹⁵⁴. Ele não expressa claramente a influência que o hegelianismo de esquerda teve no seu pensamento. No entanto, isso está implícito na sua tese, por meio da qual pôde excluir o idealismo de Hegel e preservar sua dialética. O interesse de Dilthey por essas teorias foi o posicionamento crítico delas em relação à teoria especulativa. Além disso, estas teorias colocavam o filósofo como aquele cujo empenho intelectual deveria estar voltado para a compreensão do homem e da sociedade¹⁵⁵, posição da qual compartilhava.

Por outro lado, mesmo reconhecendo o brilhantismo do método positivo das ciências naturais, não lhe parecia plausível que este método e os seus pressupostos fossem aplicáveis de forma eficaz aos estudos das ciências do espírito¹⁵⁶, uma vez que, aquelas são fundamentadas através de um método que engloba matemática, experimentos e indução e, como tudo aquilo que é humano não pode ser completamente explicado através de equações, segundo Dilthey as ciências do espírito, que estão voltadas para a compreensão na qualidade de apreensão de significados, devem possuir um método próprio a fim de legitimar-se enquanto ciência, assim como as ciências naturais.

¹⁵³ A escola histórica alemã foi um movimento intelectual cujo objetivo foi demonstrar a relevância da história como campo central à compreensão do mundo e do homem.

¹⁵⁴ HODGES, Hebert Arthur. *Wilhelm Dilthey An Introduction*. London: Routledge, 1944, p. 1.

¹⁵⁵ *Ibidem*. p. 3.

¹⁵⁶ *Ibidem*. pp. 4-5.

No tempo de Dilthey o materialismo e o positivismo estavam ganhando uma forte visibilidade, dado que a metafísica especulativa se mostrou insuficiente para os problemas que estavam em pauta. Em vista disso, o pensamento positivista do Kant da *Crítica da razão pura* retornou ao centro do debate filosófico. Dilthey toma parte desse movimento. No entanto, ele possuía suas próprias ideias de como Kant poderia ser útil para responder aos problemas em relação ao conhecimento; o compreendia não apenas como aquele que pensou os pressupostos das ciências naturais, mas acima de tudo como aquele que construiu uma crítica à metafísica e a relegou ao local das ideias irrealizáveis no que concerne o acesso ao conhecimento.

Na mesma medida em que compartilhava do posicionamento em favor do pensamento kantiano como uma possibilidade de pensar o problema dos modos de acesso ao conhecimento nas ciências humanas, possuía uma aguda simpatia pelo ideal romântico de vida e arte, e uma apreensão do movimento histórico que o impedia de se convencer que o pensamento kantiano fosse em sua totalidade a resposta às questões metodológicas e epistemológicas das ciências do espírito¹⁵⁷.

1. A necessidade de uma metodologia apropriada

Neste sentido, Dilthey levanta o problema acerca da necessidade de uma metodologia e uma epistemologia apropriada às ciências humanas. Sua tese é desenvolvida em torno da busca de fundamentação das ciências do espírito. Assim como Kant, Dilthey estruturará seu pensamento por categorias, e investigará as condições de possibilidade do conhecimento, mas sua pesquisa estava centrada particularmente no problema da compreensão histórica que unia a experiência histórica e o idealismo alemão. Pensava que assim, estava construindo um complemento à *Crítica da razão pura*¹⁵⁸.

Segundo Gadamer, uma vez que a união entre *logos* e *ser* foi rompida, não há espírito absoluto para se realizar no curso da história¹⁵⁹. Sem uma base metafísica, a experiência histórica necessitava de uma nova fundamentação, tarefa que Dilthey tomou

¹⁵⁷ HODGES, Hebert Arthur. *Wilhelm Dilthey an introduction*. London: Routledge, 1944, p. 6.

¹⁵⁸ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 336.

¹⁵⁹ SÁ, Roberto Novais. “As contribuições de Dilthey para uma fundamentação hermenêutica das ciências humanas”. In: *Boletim de interfaces da psicologia da UFRuralRJ*, n. 1, 2009, p. 38.

para si através do problema, como elevar a experiência individual ao nível científico?¹⁶⁰. A base de sua filosofia era a própria experiência, a historicidade interna que cada homem carrega consigo. Esta historicidade é para Dilthey um movimento intrínseco à vida. Ela é uma autorreflexão compreendida no interior de uma realidade histórico-social, isto é, os aspectos físicos e psíquicos do homem são indissociáveis e constituem uma unidade designada pelo filósofo de *vivência*¹⁶¹. Esta constitui o nexo entre a consciência individual e a consciência histórica. É este o objeto próprio das ciências o espírito, aquilo que as distingue das ciências naturais¹⁶². Como fica exposto por Dilthey:

A história nos produz relatos sobre o trabalho econômico, sobre povoamentos, guerras e fundações de Estados. Eles preenchem nossa alma com grandes imagens, eles nos ensinam sobre o mundo histórico que nos envolve. Porém, o que nos comove nesses relatos é principalmente aquilo que é inacessível aos sentidos, o apenas vivenciável, a partir do qual surgiram as ocorrências exteriores, como aquilo que lhes é imanente e ao que elas reagem; e essa tendência repousa sobre um modo de consideração que se dirige de fora para a vida: ela está fundamentada na própria vida. Pois nesse elemento vivenciável está contido todo o valor da vida: é em torno da vida que gira todo o ruído exterior da história. É aí que vêm à tona os fins, sobre os quais a natureza não sabe nada¹⁶³.

Assim, a condição de possibilidade da ciência histórica é o próprio homem como sujeito dotado de compreensão. Esta característica é a essência humana, engendradora na correlação de aspectos exteriores e interiores que acontecem no devir histórico, onde o sujeito e o objeto não são separados, mas se encontram unidos. O que está exterior ao homem o constitui. Este constitui, por sua vez, a partir de sua interioridade, o seu mundo exterior, se compreendendo dentro deste movimento incessante, que não finda no entendimento, mas se encerra apenas com a morte. Nesse sentido, Gadamer esclarece:

A primeira condição de possibilidade da ciência histórica consiste em que eu mesmo sou um ser histórico, em que aquele que investiga a

¹⁶⁰ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 338-339.

¹⁶¹ O conceito de vivência é definido pelo pensador na seguinte passagem: “O vivenciar é um transcurso no tempo, um transcurso no qual cada circunstância, logo se torna um objeto claro, se transforma, uma vez que o instante seguinte sempre se constrói sobre o anterior, e no qual cada momento - ainda não apreendido - se torna passado”. DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010, p. 172.

¹⁶² *Ibidem*. p. 173.

¹⁶³ *Ibidem*. p. 23.

história é o mesmo que a faz. O que torna possível o conhecimento histórico é a homogeneidade entre sujeito e objeto.¹⁶⁴

2. A estrutura lógica das ciências humanas

Dilthey destacou os aspectos psicológicos como sendo fundamentais para o fundamento filosófico das ciências humanas, como a conexão das “unidades psíquicas da vida”, a saber, vivência, experiência e compreensão. Estes são, por sua vez, os elementos constituidores do todo histórico-social que forma a “estrutura psíquica”, ou seja, a estrutura lógica das ciências humanas. Dela depreendemos os conceitos sobre os quais as ciências humanas estão debruçadas. A partir desta estrutura lógica das ciências humanas Dilthey acreditava ter superado a especulação metafísica e finalmente realizado nas ciências humanas, algo que possibilitasse o contato com a experiência da vida concreta.

Para Dilthey é propriamente a compreensão e o julgamento crítico que lhe é particular que traçam a metodologia compatível com as particularidades das ciências do espírito, ou seja, o método hermenêutico, uma vez que o movimento de compreensão, este âmbito interior, acontece no mundo, isto é, sempre numa relação com o exterior. O homem é o nexa entre estas duas esferas, e este movimento é inerente à vida. De acordo com Gadamer, a tentativa de Dilthey de responder a pergunta sobre como a experiência individual pode ser elevada ao patamar de ciência, permaneceu, contudo, inconclusiva, como pode ser visto:

Todavia, toda sua obra responde indiretamente a ela. Talvez pudesse dizer: a consciência histórica não é tanto um apagar-se a si mesmo, como uma progressiva posse de si mesmo, é isso o que distingue a consciência histórica de todas as demais formas do espírito. Por mais indissociável que seja o fundamento da vida histórica, do qual ela se eleva, a consciência histórica é capaz de compreender historicamente sua própria possibilidade de comportar-se historicamente. Por isso, não se trata - como acontece com a consciência, frente a seu desenvolvimento vitorioso que se torna consciência histórica - de expressão imediata de uma realidade da vida à tradição, na qual se encontra, nem a continuar assim, em ingênua apropriação da tradição, essa mesma tradição. Pelo contrário, se reconhece em uma mesma tradição na qual se encontra. Compreende-se a si mesma a partir da

¹⁶⁴ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 340.

sua história. *A consciência histórica é uma forma do autoconhecimento.*¹⁶⁵

Em síntese, Dilthey desenvolve sua tese em torno do problema da fundamentação das ciências do espírito, partindo da distinção em relação às ciências naturais e demonstrando que seus objetos são distintos, e, como tal, suas metodologias devem fazer jus às necessidades de cada objeto. Correlacionar os domínios da vida humana e confirmar sua interdependência para a compreensão, cujo movimento incessante é a essência da vida, é o problema fundamental das ciências humanas.

3. A biografia é um trabalho científico?

A pergunta central na nossa discussão é: a biografia é um trabalho científico? Para Dilthey, sim. Uma vez que o objeto da investigação histórica é apreensível na essência da objetivação da vida. Os documentos com os quais o biógrafo trabalha para a produção de sua obra são expressões de uma individualidade, ele é então aquele que possui o trabalho de investigar as conexões entre o biografado e o meio no qual ele estava inserido e no qual que ele atuava. Este é o mérito da biografia, ela é uma forma científica que faz aparecer os elos das experiências particulares de um indivíduo com a história. Como fica exposto por Dilthey: “O transcurso vital¹⁶⁶ da vida de um indivíduo no meio social, no qual ele sofre influências e ao qual ele reage, forma a mais originária dentre essas conexões”¹⁶⁷.

A relação das conexões no transcurso de uma vida fica gravada em sua memória, e é a memória o elemento constitutivo de toda a história. Um transcurso de uma vida é perpassado pela compreensão desde os primeiros anos de sua existência até o seu fim, e se observa os reflexos de uma vida exterior na interioridade do sujeito, e nas reações do indivíduo após passar pelo processo que, no entanto, não cessa, mas se manifesta no mundo concreto através de suas manifestações de vida do espírito. Um exemplo destas manifestações são as autobiografias, cujo biógrafo é o seu próprio objeto de

¹⁶⁵ GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 358.

¹⁶⁶ É preciso esclarecer o que esta expressão significa para Dilthey, em uma breve, porém, edificante passagem, o próprio define o transcurso vital como: “O percurso vital de uma vida <personalidade> histórica é uma conexão de efeitos, na qual o indivíduo recebe influências do mundo histórico, forma-se sob essas influências e reage, então, a esse mundo histórico.” DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010, pp. 241-242.

¹⁶⁷ *Ibidem*. p. 240.

investigação, e se debruça sobre seu próprio transcurso vital. Sobre esta trataremos num momento posterior. Conforme o filósofo: “Tudo aquilo que é humano transforma-se em documento, que atualiza para nós de algum modo as possibilidades infinitas de nossa existência”¹⁶⁸.

Os grandes homens, aqueles cuja existência possuía força tal que suas expressões de vida marcaram para sempre a história e os eternizaram são merecedores de ter sua vida perpetuada através de uma biografia como uma obra de arte. Estes chamam a atenção do biógrafo de maneira especial dado que sua existência é perpassada por sentido singularmente complexo para a compreensão.

A biografia é a expressão mais evidente entre a vida humana particular e sua universalidade na comunidade, ela revela a possibilidade de compreensão desta conexão do mundo histórico, evidencia a relação entre a vida do homem e a história. A vida do indivíduo acontece no seio de uma comunidade, conformada de um determinado modo que o influencia e sobre a qual ele atua, não é possível uma vida que não compartilhe do todo comum, cujos valores são de algum modo internalizados e exteriorizados na forma da vida do sujeito:

Como poderíamos negar, então, que, a biografia possui um significado eminente para a compreensão da grande conexão do mundo histórico! Afinal, é justamente a relação entre as profundezas da natureza humana e a conexão universal da vida histórica difundida que é efetivada em cada ponto da história. Aqui se encontra a conexão original entre a própria vida e a história.¹⁶⁹

Por isso, a biografia é possível enquanto uma pesquisa científica, pois ela repousa sobre a realidade da vida humana, como uma vida que pertence a uma estrutura histórica, ou seja, um Estado, uma moral, um direito, a um determinado modo de conformação social com a qual esta vida tem que lidar. Portanto, ela não se constitui num vazio, ou numa miríade infinita de possibilidades de compreensão, mas, na verdade, ela é desde sempre marcada por determinadas condições com as quais ela formará sua visão do mundo. O trabalho do biógrafo é compreender esta vida no

¹⁶⁸ *Ibidem*. p. 241.

¹⁶⁹ DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010, p. 241.

contexto em que ela se realizou. Neste sentido, é possível ter acesso à história através da vida particular de um homem.

4. A vida e a história

Tendo em vista que para Dilthey a vida deve constituir o ponto de partida das investigações destas ciências, uma vez que os vários aspectos do homem é o conteúdo destas ciências, mas não apenas isso, sobretudo o próprio processo de formação do homem, como sujeito dotado de compreensão cuja vida é o movimento de autorreflexão, o trabalho biográfico se revela claramente como científico. O homem é o acesso à história, ela se faz através dele. É possível se verificar isso mediante as *expressões* da vida, ao passo que ele se faz através de processos por meio dos quais internaliza sua realidade concreta¹⁷⁰. Dilthey esclarece essa dupla implicação logo após afirmar que o objeto das ciências do espírito é o homem:

A recorrente cisão do físico e psíquico encontra-se indissociada neste fato, que contém a conexão viva dos dois. Nós mesmos somos natureza, que atua em nós, inconsciente, em impulsos obscuros; estados de consciência expressam-se constantemente em gestos, contradições faciais e palavras e isso adquiriu a sua objetividade em instituições, Estados, igrejas, institutos científicos: a história movimenta-se justamente por meio delas.¹⁷¹

Seria um erro pensar o mundo histórico a partir de pressupostos naturais ou metafísicos. Para ter acesso à concretude da realidade histórica tem-se que considerar cada tempo histórico, com suas respectivas peculiaridades, o espírito objetivo, ao qual se refere Dilthey, é, neste sentido, relativo às suas condições de existência. A historicidade é a condição *sine qua non* do acesso à realidade histórica. É através do conjunto de particularidades de cada período histórico a que se deve a possibilidade do conhecimento universal do processo histórico. Gadamer sintetiza a *filosofia de vida* de Dilthey do seguinte modo:

O nexo estrutural da vida, tal qual o nexo de um texto, está determinado por uma certa relação entre o todo e as partes. Cada parte expressa algo do todo da vida, e tem, portanto, uma significação para o todo, do mesmo modo que seu próprio significado, do mesmo modo

¹⁷⁰ AVELAR, Alexandre Sá. “Escrita biográfica e escrita histórica no pensamento de Wilhelm Dilthey”. In: *Dimensões*, n. 38, 2017, p. 128.

¹⁷¹ DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010, p. 20.

que seu próprio significado está determinado a partir deste todo. É o velho princípio hermenêutico da interpretação dos textos que vale também para o nexos da vida, porque nele se pressupõe de um modo análogo a unidade de um significado que se expressa em todas as suas partes.¹⁷²

Para Dilthey há uma conexão que unifica os construtos históricos, sendo estes, passíveis de verificação empírica. A relação da vida e a história se encontram conectadas na vida do homem. Os registros históricos dessa vida pulsante, capaz de fazer ver em si mesma seu tempo histórico, depende das escolhas históricas na qualidade de memória. A história seleciona aquilo que é significativo e deixa à margem do todo aquelas coisas que julga destituídas de valor científico. O problema que Dilthey identifica neste modo de operar da história é que para ele absolutamente tudo possui significado histórico, enquanto *expressão* de uma vida que está inserida num tempo histórico. A *significação* já está presente em cada homem e se manifesta no movimento de sua *compreensão*. Seja qual for o tempo histórico, se há vida, há *compreensão* e história, portanto, há *significação* nas suas mais diversas formas. Cito:

No fundo, porém tudo possui significação, uma vez que, como expressão de algum coração humano que bate e encanta, <nos deixa inserir o olhar> naquilo que era uma *possibilidade* de uma vivência para um presente.¹⁷³

O conceito de *valor* no sentido histórico do termo como nos é apresentado pelo pensador, traz à luz mais uma vez a relevância histórica da biografia. Uma vez que uma vida está realizada, o seu valor pode ser concebido; um valor que não diz respeito à conduta individual, mas revela um fato histórico, pois os valores são antes de tudo o material histórico¹⁷⁴. Em todo curso da história há vida, e a vida é *vivência* e *compreensão* que se autoimplicam num movimento constante. Este movimento é definido por Dilthey como a única coisa fixa¹⁷⁵. A história é composta por uma pluralidade de vidas conectadas nas mais variadas relações, e sua unidade capturada no pensamento da humanidade designamos história.

¹⁷² GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999, pp. 342.

¹⁷³ DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010, p. 252.

¹⁷⁴ DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010, p. 254.

¹⁷⁵ *Ibidem*. p. 172.

Dilthey afirma ser a autobiografia o exercício mais elevado para a compreensão do nosso próprio transcurso vital¹⁷⁶. O indivíduo que se propõe produzir uma autorreflexão não tem em vista uma mera reprodução do seu transcurso vital, mas deseja alcançar uma compreensão de sua vida, ou seja, apreender os significados que a perpassam, através da interpretação das conexões no seu presente do seu passado, manifestadas na forma de lembranças. Bastante elucidativo é um trecho das *Confissões* de Santo Agostinho:

Quero recordar as minhas torpezas passadas e as depravações carnis da minha alma, não porque as ame, mas para Vos amar, ó meu Deus. É por amor do vosso amor que, amargamente, chamo à memória os caminhos viciosos, para que dulcifiqueis, ó doçura que não engana, doçura feliz e firme.¹⁷⁷

É possível verificar neste trecho que as memórias são trazidas pelo autor com a finalidade de valorar sua relação com Deus através da recordação de seu passado. O transcurso de uma vida acontece no tempo. É no decorrer dele que podemos refletir e dar significado a cada experiência vivida e a cada experiência nova neste movimento de reflexão, a fim de compreender o nosso próprio transcurso de vida, ou o mundo, ou o transcurso de outros, como na biografia acontece novamente. Como fica exposto no seguinte trecho:

Na vida está contida a temporalidade como sua primeira determinação categorial, fundamental para todas as outras. Esse fato já vem à tona na expressão “transcurso da vida”. O tempo existe para nós em função de uma unidade sintética de nossa consciência. À vida e aos objetos externos que nela entram em cena são comuns as relações de coetaneidade, sequencialidade, intervalo temporal, duração e transformação.¹⁷⁸

No entanto, mesmo sendo o tempo, categoria histórica central, primordial para todas as outras, o tempo aqui é pensado por Dilthey como o presente que está sempre em relação com o passado e com o futuro. Não há passado, nem expectativas futuras, que não seja transpassado pelos valores e significados do indivíduo presente. Neste sentido, podemos afirmar que os posicionamentos religiosos e filosóficos do Agostinho das *Confissões* não seriam possíveis no Agostinho da juventude, pois a *vivência* do

¹⁷⁶ *Ibidem*. p. 178.

¹⁷⁷ AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 63.

¹⁷⁸ *Ibidem*. p. 169.

autor o fez compreender a si mesmo e a sua *realidade efetiva* de modo diverso. Agostinho dá testemunho de sua experiência com o tempo:

O tempo não descansa, nem rola ociosamente pelos sentidos: pois produz na alma efeitos admiráveis. O tempo vinha e passava, dia após dia. Vindo e passando, inspirava-me novas esperanças e novas recordações. Pouco a pouco, reconfortava-me nos antigos prazeres, a que ia cedendo a minha dor. Não se sucediam, e certo, novas dores, mas fontes de novas dores. Mas por que me penetrava tão facilmente e até ao íntimo aquela dor, senão porque derramei na areia minha alma, amando um mortal como se ele não houvesse de morrer?¹⁷⁹

Considerações finais

Dito isso, a possibilidade de acesso à história através das experiências individuais se mostra evidente. As ciências do espírito possuem uma estrutura clara baseada na relação entre aspectos físicos e psíquicos. Sua unidade é denominada vida, esta dupla relação também pode ser descrita através de dois conceitos, *vivenciar* e *compreender*. A vida acontece no *tempo*, possui consciência de si no presente, acessa o passado por meio da lembrança e se reconhece nela. Quando a vida se volta sobre si mesma, ambiciona acessar os seus significados, o que se mostra possível através somente do processo de compreensão. Por isso, apenas por meio do *vivenciar* as mais variadas formas de *expressão* da nossa própria vida, do mundo e da vida dos outros, podemos enfim compreender e assim acessar outras realidades. Neste sentido, as ciências humanas estão fundadas na relação entre *vida*, *expressão* e *compreensão*, e como tal um objeto só pode ser definido como objeto das ciências do espírito, se ele for constituído nesta relação.

A biografia e a autobiografia, uma enquanto trabalho científico e a última enquanto exercício mais elevado de compreensão de vida, demonstram cada uma a seu modo a tese de Dilthey acerca da relação e o acesso que a vida particular do homem oferece à compreensão histórica. Na medida em que a biografia é desenvolvida com o rigor necessário para apreender a vida que está sendo biografada, também está presente o meio social em que esta vida estava inserida e como ela se relacionou com sua realidade exterior e as repercussões do processo de internalização desta realidade no

¹⁷⁹ AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 107.

decorrer de sua vida. A autobiografia, por outro lado, revela o caráter temporal da história, da qual nos fala Dilthey, e demonstra com clareza o movimento presente entre a *vida*, a *expressão* e a *compreensão*.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

AVELAR, Alexandre Sá. “Escrita biográfica e escrita histórica no pensamento de Wilhelm Dilthey”. In: *Dimensões*, n. 38, 2017, pp. 120-142.

DILTHEY, Wilhelm. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. Trad. Marco Casanova. São Paulo: UNESP, 2010.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método I - Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

HODGES, Hebert Arthur. *Wilhelm Dilthey an introduction*. London: Routledge, 1944.

SÁ, Roberto Novais. “As contribuições de Dilthey para uma fundamentação hermenêutica das ciências humanas”. In: *Boletim de interfaces da psicologia* da UFRuralRJ, n. 1, 2009, pp. 38-43.